

Está cada vez mais bem difundido e progressivamente mais reconhecido e aceito que está ocorrendo um aquecimento global do planeta como consequência das emissões cumulativas de Gases de Efeito Estufa (GEE) promovidas pelos seres humanos e que este aquecimento global já está aumentando a frequência e a intensidade de eventos climáticos extremos (ventanias, secas, inundações, ondas de calor e frio) e dos padrões climáticos em si (distribuição de chuvas e temperaturas em cada região ao longo do tempo) que por sua vez vão afetar cada vez mais toda a biodiversidade em geral e a segurança das pessoas e da produção de alimentos em particular.

Entre aqueles que já conhecem e aceitam a existência do aquecimento global e suas consequências é bastante frequente (e conveniente) que tenham a "percepção" de que já contribuem pessoalmente para evitar o aquecimento global (ao separar lixo reciclável, evitar o consumo de descartáveis, manter um jardim, apagar as luzes quando sai dos ambientes ou usar carro a etanol) e/ou que o tema é menos urgente e importante do que se difunde, possivelmente mais em decorrência das emissões de GEE na maior parte dos casos estarem correlacionadas ao consumo de bens e serviços que geram satisfação e conforto (alimentos, carros, viagens, roupas, eletrodomésticos, ar condicionado, embalagens descartáveis e tantos outros) do que como decorrência das campanhas de desinformação de grupos de interesse (quem direta ou indiretamente ganha dinheiro com a produção e comercialização de combustíveis fósseis, proteína animal, produtos de consumo em massa descartáveis ou com obsolescência programada entre outros).

Para reduzirmos as emissões de GEE no ritmo necessário para evitarmos um aquecimento global superior a 1,5 C (fonte de muitas polêmicas, para ultrapassar este limite estima-se faltar emitir 600 Gt de CO<sub>2</sub>eq e estamos emitindo a um ritmo de 50 Gt por ano) e suas consequências na redução de qualidade de vida de uma parcela significativa da humanidade como divulgado pelo relatório recente do IPCC, precisamos urgentemente popularizar a compreensão quantitativa do impacto de cada uma de nossas escolhas e das alternativas disponíveis nas emissões de GEE. O debate qualitativo é importante, mas favorece muito o auto-engano, precisamos ter metas numéricas individuais.

Este esforço necessário e urgente de materializar quantitativamente para cada um de nós o que estamos emitindo e o que podemos fazer a respeito só poderá ser alcançado com a compreensão e utilização de ferramentas de análise de sustentabilidade como as demonstradas nesta palestra: Análise de Ciclo de Vida auxiliada pela Análise de Insumo Produto e Análise de Equilíbrio (ou outras similares).

Sabemos que uma quantidade enorme de engrenagens grandes e pequenas giram, umas mais e outras menos, quando decidimos consumir algo: por exemplo, ao optarmos por um hambúrguer de carne nos tornamos corresponsáveis não somente por uma fração do gado criado e abatido (e o metano que ele emitiu ao longo de sua vida), mas também pelas emissões de GEE decorrentes do consumo proporcional de tudo o que foi utilizado na fazenda (energia, vacinas, antibióticos, materiais de construção, etc) e fora dela

(abatimento do gado, embalagens, fabricação e consumo dos refrigeradores incluindo o gás de refrigeração, combustível para transporte considerando também sua extração, refino e distribuição e assim sucessivamente até o consumo final, e se jogarmos uma parte ou sobra no lixão a céu aberto pelo metano que ela vai emitir lá e pelo destino do plástico da embalagem). Nada disso existiria sem o nosso consumo. Quanto mais gente escolher o hambúrguer de carne, mais de tudo isso será consumido e os respectivos GEE serão emitidos. Uma outra cadeia de eventos seria posta em marcha se a escolha tivesse sido por um hambúrguer de grão de bico. O impacto destas escolhas, seja o hambúrguer de carne ou de grão de bico, seria diferente em função das práticas e tecnologias adotada por diferentes fazendas, pela distância do produtor ao consumidor, pelo modal de transporte utilizado, pelas embalagens escolhidas e assim por diante. O tema é complexo demais para ser processado pelo consumidor.

No mínimo precisaríamos ter uma aproximação das emissões de cada escolha embora o ideal seria colocarmos em prática um sistema de etiquetagem que mostrasse ao consumidor a quantidade de CO<sub>2</sub>eq gerada direta e indiretamente por cada produto. Em ambos os casos precisaríamos adotar premissas e aproximações necessárias para tornar a abordagem viável. Como a maioria das pessoas não tem a menor noção da ordem de grandeza do impacto de suas escolhas na emissão de GEE, o caminho parece ser adotar as ferramentas apresentadas para fazer uma análise de sustentabilidade macro e progressivamente depurá-la até chegarmos na etiquetagem.

